

POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE CRÍTICA DO NEOLIBERALISMO AOS ESTUDOS EM COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Maria Elisabeth Vasconcellos Monteiro
 <http://lattes.cnpq.br/5403684310321604> –  <https://orcid.org/0009-0003-2423-5592>
maria.elisa.vasmont@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

Fabiano Couto Corrêa da Silva
 <http://lattes.cnpq.br/4635807083312321> –  <https://orcid.org/0000-0001-5014-885>
fabianocc@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO

A Ciência da Informação é vista como um campo novo na área das ciências sociais aplicadas e, devido ao seu caráter interdisciplinar, recebe consideráveis contribuições de diversos campos do conhecimento. Neste trabalho, visamos aproximar os estudos em comunicação das análises críticas do neoliberalismo, conforme abordado pelos pesquisadores Dardot e Laval. Assim, apresentamos uma explanação sobre a história da Ciência da Informação no Brasil, destacando como a comunicação científica se insere na área, e caracterizamos o que entendemos por teorias críticas, abarcando a Escola de Frankfurt e o pensamento pós-moderno. Como resultado, identificamos oito pontos nos quais podem ser feitas contribuições: 1) Mercantilização da Informação Científica; 2) Financiamento da Ciência; 3) Produtividade Acadêmica, Pressão por Publicações e Cultura da Produção Científica; 4) Avaliação da Produção Científica; 5) Métricas de Impacto; 6) O Cientista Enquanto Empreendedor de Si; 7) Desigualdades Sociais na Universidade Neoliberal; 8) Práticas de Ciência Aberta e Formas Alternativas de Publicação Científica. Ao final, apresentamos apontamentos sobre os potenciais de pesquisa para os estudos em comunicação científica decorrentes dessa aproximação teórica.

Palavras-chave: Teoria Crítica. Comunicação Científica. Informação Científica. Neoliberalismo.

POSSIBLE CONTRIBUTIONS OF THE CRITICAL ANALYSIS OF NEOLIBERALISM TO STUDIES IN SCIENTIFIC COMMUNICATION

ABSTRACT

The field of Information Science is regarded as a relatively new discipline within the applied social sciences. Due to its interdisciplinary nature, it benefits significantly from contributions from various fields of knowledge. In this work, we aim to bridge studies in communication with critical analyses of neoliberalism, as discussed by researchers Dardot and Laval. We provide an overview of the history of Information Science in Brazil, highlighting how scientific communication fits into the field, and we outline our understanding of critical theories, encompassing the Frankfurt School and postmodern thought. As a result, we identify eight areas where contributions can be made: 1) The Commodification of Scientific Information; 2) Science Funding; 3) Academic Productivity, Pressure for Publications, and the Culture of Scientific Production; 4) Evaluation of Scientific Output; 5) Impact Metrics; 6) The Scientist as an Entrepreneur of the Self; 7) Social Inequalities in the Neoliberal University; 8) Open Science Practices and Alternative Forms of Scientific Publication. Finally, we present insights on the research potential for scientific communication studies arising from this theoretical approach.

Keywords: Critical Theory. Scientific Communication. Scientific Information. Neoliberalism.

DOI <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5344/56896>

Recebido em: 08/01/2025
Aceito em: 09/04/2025



1 INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação (CI) é considerada uma área de estudos nova quando comparada com outras áreas das ciências sociais aplicadas. Economia, ciência política, administração, direito - todas áreas que possuem uma longa história que se estende por milênios, enquanto a CI (enquanto entendida como tal) começou a se desenvolver plenamente a partir da segunda metade do século XX. Tal comparação, porém, pode não ser totalmente justa, já que a CI teve influência em sua formação de áreas como a Biblioteconomia, Museologia, Arquivologia e Documentação, que sim já possuíam uma história longa, com exceção da última, que se desenvolveu no século XIX.

As bases teóricas da CI são constantemente debatidas e estudadas até os dias de hoje, algo que será focal neste trabalho. São múltiplas as formas de análise que a área é passível, mas vê-se como tal é, em essência, um campo de estudos multidisciplinar, tendo como principal influência as ciências sociais. Dentro desses estudos, destaca-se um campo de análise em crescimento na contemporaneidade: os estudos críticos em informação, entendidos como aqueles estudos informacionais levados a cabo a partir da teoria crítica social, que tem um viés normativo, crítico e transformador da sociedade.

Pensando nessas análises, trazemos as obras e teorias dos pesquisadores franceses Pierre Dardot e Christian Laval (2016), que trabalham com uma análise crítica da sociedade neoliberal, como de potencial interesse para o campo informacional. A escolha destes autores como referência teórica principal se justifica pela abrangência e profundidade de suas análises sobre o neoliberalismo, que vão além de uma crítica econômica, alcançando as dimensões sociais, culturais e políticas dessa racionalidade. Enquanto outros teóricos críticos, como Foucault, Bourdieu e Habermas, trazem importantes contribuições ao estudo das estruturas de poder, do campo científico e da organização social, Dardot e Laval (2016) destacam-se por abordar a internalização do neoliberalismo na subjetividade individual e na estruturação de práticas acadêmicas. Essa especificidade torna seus trabalhos particularmente relevantes para compreender as dinâmicas contemporâneas da comunicação científica sob a lógica neoliberal, cujo é o foco deste trabalho.

Dessa forma, visamos aqui estudar as possíveis contribuições teóricas das teorias dos autores para os estudos sobre a comunicação científica contemporânea, trazendo algumas possibilidades de análise que pretende-se desenvolver futuramente em uma dissertação para o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCIN) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Com este trabalho, busca-se não apenas avançar na compreensão teórica das influências do neoliberalismo sobre a produção e comunicação científica, mas também propor novos caminhos para a aplicação de perspectivas críticas no campo da CI.

Ao situar essas análises no contexto brasileiro, o estudo alia teoria e prática, contribuindo para o desenvolvimento de estratégias que promovam uma ciência mais inclusiva, ética e socialmente comprometida. Para alcançar esses objetivos, é essencial apresentar o percurso metodológico que forneceu a base teórica para este estudo, assim como as limitações metodológicas enfrentadas ao longo do processo.

Nosso entendimento sobre CI é construído com base nas leituras obrigatórias da cadeira Perspectivas em Ciência da Informação, do curso de mestrado do PPGCIN da UFRGS. Os textos foram lidos, assimilados e utilizados conforme sua relevância ao objetivo deste trabalho, sendo somados também por leituras complementares realizadas pela autora para outros trabalhos.

Para o entendimento sobre as teorias críticas, utilizamos como base principal a *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, um glossário sobre filosofia desenvolvido pela *Stanford University* dos Estados Unidos, que busca organizar pesquisadores de todo mundo da área de filosofia e correlatas, objetivando criar uma obra de referência para a área de filosofia e correlatas (Stanford University, 2024). Somado a isto, procuramos por livros na base Periódicos Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por obras que continham no título ou palavras chaves o termo “*critical theory*”.

Os conceitos relacionados ao neoliberalismo foram extraídos, principalmente, de leituras anteriores realizadas pela pesquisadora das obras de Dardot e Laval (2016), pesquisadores da Universidade Paris-Nanterre cujas obras são de grande importância para a análise crítica do neoliberalismo. Em conjunto, também temos leituras já anteriormente realizadas pela autora para um trabalho que envolve neoliberalismo e comunicação científica, com estas



leituras também fundamentando nosso entendimento sobre esses dois conceitos.

As discussões realizadas serão feitas com base nessas leituras e em interpretações subjetivas da autora, visando trazer possíveis encontros entre estes temas e suas contribuições para os estudos sobre a comunicação científica contemporânea, especialmente no Brasil.

2 CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: CONCEITOS E SUBÁREAS

Desde a criação da escrita e o desenvolvimento da informação registrada existiram diversas iniciativas em relação ao arquivamento, manutenção, organização e preservação da informação. Porém, a CI enquanto campo só se desenvolveu de forma significativa e plena a partir da segunda metade do século XX (Araújo, 2017), tomando algumas iniciativas como ponto de partida: os estudos em Documentação inicialmente levados a cabo por Paul Otlet e La Fontaine; o campo institucional da Biblioteconomia, junto com seus estudos no processamento técnico de documentos; a atuação de pesquisadores independentes em vários campos científicos que buscavam contribuir com a disseminação de informação nas suas áreas; os desenvolvimentos teóricos e tecnológicos que possibilitaram novas formas de se relacionar com a informação registrada; e o desenvolvimento da teoria matemática da informação, uma das primeiras tentativas de sistematizar o processo de comunicação de informações.

É de interesse também denotar o contexto social, político e cultural vivido pelas grandes potências nessa época. Grandes desenvolvimentos tecnológicos e teóricos foram realizados durante a segunda guerra mundial, como a criação do primeiro computador, na Inglaterra (Barreto, 2007), tendo continuidade conforme o ocidente vivia o contexto da guerra fria, em que o avanço tecnológico e científico eram considerados de extrema importância para o estado. Dessa forma, os primeiros grandes sistemas e estudos sobre a informação científica foram diretamente incentivados sob essa visão, com o caráter social e humanista do trabalho informacional dando espaço à visão da informação como catalisador do avanço científico e tecnológico (Freire, 2020), especialmente nos Estados Unidos, tendo também associado um forte viés pragmático e sistemático dentro de suas aplicações.

No contexto brasileiro, a CI desenvolveu-se um pouco mais tarde que em países de primeiro mundo, a partir de iniciativas realizadas pelo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD) na década de 1970 (Oddone, 2006). Esse instituto, criado em 1954 e extinto em 1975, com a criação do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), foi instrumental para o desenvolvimento do campo no país, tomando como base as iniciativas em Documentação e Biblioteconomia já levadas a cabo, dando uma característica única ao Brasil no fato em que a CI não teve um confronto tão direto com estas duas áreas.

Delimitamos aqui que nossa relação com a palavra informação não se refere à informação computacional, algorítmica, ou mesmo a informação enquanto fenômeno físico tangível, mas sim num sentido voltada à informação contida em documentos, possuindo um sentido e permitindo desenvolver novos conhecimentos. Essa é uma ciência e uma prática que lida diretamente com o armazenamento, a coleção, a recuperação, a formação e o uso dessa informação (Bawden; Robinson, 2012). Borko (1968) define a CI como “a disciplina que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo, e os meios de processá-la para otimizar sua acessibilidade e uso”, também ligada aos estudos relativos à “origem, coleta, organização, estocagem, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e uso de informação”. Nosso trabalho visa focar, especialmente nas questões relativas à origem (produção) e transmissão (comunicação) da informação científica.

A CI se utiliza de várias diferentes disciplinas do conhecimento, se colocando assim como um campo de estudos essencialmente interdisciplinar, usando diversas áreas das ciências como Sociologia, Matemática, Psicologia, Computação, Filosofia, Administração, Ciências Políticas, História, Educação, entre diversas outras (Bawden; Robinson, 2012). Apesar disso, porém, é inegável que na contemporaneidade a CI tenha fortes laços com as ciências sociais, tendo esse viés acentuado e presente em seus estudos. Dado esse caráter interdisciplinar também é complexo apontar as teorias predominantes no campo, mas Bawden e Robinson (2012) apontam em especial as visões realista, ligada aos estudos físicos e práticos da informação, construtivista, focada na individualidade e subjetividade dentro das relações informacionais



na sociedade, e a visão crítica, que coloca a informação como uma construção social intrinsecamente ligada ao paradigma econômico, político e social vigente, sendo esta última de especial interesse para os estudos desenvolvidos aqui.

As contribuições dos teóricos críticos para a CI já são notadas, especialmente os autores relacionados ao pensamento pós moderno e pós estruturalista. Bawden e Robinson (2012) destacam algumas dessas contribuições: Foucault – conceito de pobreza informacional, teoria arquivística e organização do conhecimento; Bourdieu – natureza da disciplina de Biblioteconomia e da Ciência da Informação; Derrida – teoria arquivística; Deleuze e Guattari – organização da informação; e Habermas – organização do conhecimento. Destaca-se no Brasil a existência do Colóquio Habermas, voltado aos estudos em Filosofia da Informação, dando especial ênfase às obras deste autor, tendo sua vigésima edição ainda para acontecer no ano de 2024, com o tema “Democracia e Tecnologia” (Oliveira, 2024).

Podemos destacar também três paradigmas dentro da CI, caracterizado por Thomas Kuhn em 1962, ecoado por Capurro (2003), e por outros pesquisadores do campo (Bawden, Robinson, 2012) como uma visão compartilhada entre pesquisadores de um certo campo de estudos sob seu objeto de estudo. Nas ciências exatas e da terra é comumente entendido que esses paradigmas são superados, em grande parte, ao passo que novos paradigmas são desenvolvidos - nas ciências sociais, porém, é entendido que estes paradigmas coexistem entre si, sendo complementares na análise abrangente de um objeto de estudo.

O começo da CI se deu a partir de um paradigma físico, trazendo estudos técnicos e científicos focados em sistemas de informação e seu funcionamento interno, proximamente ligado à computação e desenvolvimentos algorítmicos. Os limites teóricos desse paradigma se mostraram claros dado que tal não abrange a compreensão subjetiva e individual do usuário e sua relação para com os sistemas de informação, com o paradigma cognitivo sendo desenvolvido a partir dos anos 1960 e 1970 visando melhor compreender os usuários da informação, seus objetivos, padrões de pesquisa, conhecimentos prévios, entre outras questões. Essa visão cognitiva também se mostrou limitada em certos aspectos ao passo que vê o

usuário como um sujeito individual, sem levar em conta as diferentes interferências sociais e culturais que afetam este usuário nas diferentes dimensões com que tal se relaciona com a informação, com o paradigma social se desenvolvendo principalmente a partir da década de 1990. Esta pesquisa será realizada com base nesse paradigma, dado que objetivamos traçar possíveis encontros entre as análises sociais de Dardot e Laval (2016), ambos sociólogos, para com o campo de estudos da comunicação científica.

A comunicação científica formal, entendida aqui como o processo de comunicação da informação científica desenvolvida por pesquisadores e publicada majoritariamente em revistas científicas e repositórios institucionais, é um processo complexo e essencial do trabalho científico, dado que é o momento em que as pesquisas são compartilhadas, visando o avanço do conhecimento científico em uma dada área de estudos. Dentro do contexto da internet, novas formas de publicação científica que não passam pelos formatos tradicionais foram desenvolvidas, especialmente a publicação em pré prints e de dados de pesquisa. O Encontro Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Ciência da Informação (ENANCIB) traz em seu sétimo grupo de trabalho os temas de Produção e Comunicação da Informação em Ciência, Tecnologia & Inovação (CT&I), definindo-os como “Estudos teóricos, aplicados e metodológicos sobre a produção, comunicação e uso da informação em Ciência, Tecnologia e Inovação”, incluindo também “pesquisas relacionadas aos processos de comunicação, divulgação, análise e formulação de indicadores para planejamento, avaliação e gestão em CT&I.” (ENANCIB, 2024)

Pinheiro (2018) traz em seu mandado da CI a área de estudos sobre comunicação científica como uma das 16 áreas principais áreas de estudo no campo, destacando como elementos mais importantes nestes estudos a sociologia da ciência, história da ciência e comunicação. Ademais, as discussões sobre comunicação científica também trespassam as áreas de acesso aberto à literatura científica, ciência aberta e dados de pesquisa, e políticas de informação.

Araújo (2017) traz outra visão sobre as diferentes subáreas da CI, colocando como uma de suas principais os estudos em economia política da informação, que visam estudar a dinâmica de produção e transferência da



informação enquanto recurso, assim como sua posse e sua desigual distribuição, estudando assim questões ligadas à

[...] democratização da informação, acesso à informação por parte de grupos e classes excluídos e marginalizados, a criação de formas e sistemas alternativos de informação, e mesmo estudos sobre a contra-information, como forma de rejeição aos regimes informacionais hegemônicos (Araújo, 2017, p. 16).

O ENANCIB possui um grupo de trabalho denominado Política e Economia da Informação, que abrange estudos de: economia política da informação, da comunicação e da cultura; Regimes de informação, ética da informação e teorias críticas da informação; Desinformação e negacionismos; Colonialismo digital e soberania tecnológica; Estado, leis e políticas de informação; Vigilância, privacidade e proteção de dados; Usos políticos e econômicos de algoritmos e da Inteligência Artificial; Ecologia, meio ambiente e sustentabilidade; Lutas de classes e transformação social. (ENANCIB, 2024).

Dessa forma, vemos que os estudos sobre comunicação científica estão muito presentes na área da CI, e a subárea é frequentemente apontada como uma das mais importantes para os estudos informacionais. Ademais, temos também os estudos em economia política da informação e em aspectos sócio-culturais e políticos na informação, com as teorias críticas sendo presentes nessas discussões. Na seção a seguir, iremos desenvolver como a análise crítica pode ser aplicada nos estudos sobre a sociedade e racionalidade neoliberais, para então discutir como isso se liga com o campo de estudos da comunicação e produção científicas.

3 TEORIAS CRÍTICAS

É de especial interesse nessa sessão definir qual o sentido exato que usamos quando nos referimos à teoria críticas. De forma geral vemos esse termo sendo utilizado no singular e em maiúsculo para designar os pensadores da Escola de Frankfurt, filósofos e sociólogos com viés fortemente marxista, tendo como lugar de origem o instituto de pesquisa social de Frankfurt na década de 1930 (Celikates; Flynn, 2023). Outras visões, porém, incluem também as críticas psicanalítica, marxista, negra, feminista, lésbica, gay e queer, e pós-colonial (Fuchs, 2016), mas de especial interesse para esse trabalho é a junção da crítica pós-estruturalista, também chamada de pós-

moderna (Aylesworth, 2015), dado que representa uma gama de filósofos presentes e pertinentes nos estudos de informação.

Dessa forma, iremos apresentar de forma superficial alguns conceitos dessas duas principais vias teóricas, visando conectá-las aos conceitos desenvolvidos por Dardot e Laval (2016) para caracterizar a sociedade neoliberal.

3.1 Escola de Frankfurt

A teoria crítica enquanto desenvolvida pela escola de Frankfurt vê a sociedade como uma construção subjetiva e profundamente complexa, cuja análise científica, claramente normativa, deve objetivar essencialmente a emancipação social em suas diversas camadas, permitindo que todas as pessoas sejam tratadas de forma igualitária e que os indivíduos possam ser racionais, livres e felizes, algo a ser alcançado através da eliminação de todas as formas de dominação (Fuchs, 2016). Assim, podemos encontrar algumas características predominantes nas metodologias aplicadas pela Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, tendo marcadamente um caráter auto-reflexivo, vendo suas próprias práticas como inseridas em um contexto social e histórico específico, interdisciplinar, ao integrar a análise filosófica com a teoria e a prática social, materialista, trazendo a teorização crítica para a realidade social, e emancipatório, visando a libertação social. Trazemos aqui uma visão sintetizada da teoria crítica exposta pela escola de Frankfurt:

[...] tem a tarefa de revelar o mundo sob uma luz nova e diferente, revelando sofrimentos não reconhecidos e formas intrincadas de dominação que não são apenas ocultadas pelas ideologias dominantes, mas também moldam as normas que emanam dessa ordem de maneiras que escapam às versões mais fortemente normativas da crítica imanente que se baseia neles. Esta orientação negativa da crítica reveladora pode ser complementada por uma mais positiva, em que o que é divulgado envolve também potencialidades e horizontes que não têm espaço ou forma de se articular dentro da ordem social e normativa existente. (Celikates; Flynn, 2023)

São expostos quatro grandes conceitos importantes para a escola de Frankfurt, conceitos esses que serão refletidos na obra de Dardot e Laval (2016): alienação, reificação, ideologia e emancipação.

A alienação é entendida como a separação ou distanciamento de pessoas para com algo crucial para sua libertação ou capacidade de



desenvolvimento, uma sensação de deficiência ou distorção consigo mesmo ou com o mundo. Alguns teóricos argumentam que a alienação é sentida principalmente quando uma parte naturalmente humana é suprimida no contexto da sociedade moderna, trazendo um sentimento de deslocamento e distanciamento de si no contexto social. Dardot e Laval (2016) trabalham com esse conceito ao desenvolverem a ideia de “sujeito empresa”. Tal conceito se sustenta na ideia de que o capitalismo neoliberal desenvolveu uma racionalidade neoliberal nos indivíduos da sociedade, caracterizada pelo individualismo e competitividade e profundamente fundamentada no pensamento econômico e economicista, sendo extremamente alienante ao passo que tenta suprimir as necessidades e vontades humanas em favor da lógica competitiva neoliberal, que diminui a importância da cooperação e o humanismo, assim como menospreza atividades sociais e de lazer.

A Reificação é um conceito ligado intimamente com a alienação, sendo entendido como o processo de “objetificação” de entidades que previamente não eram vistas desta forma, podendo ser vista não somente no caso de conceitos abstratos e seres vivos, mas também indivíduos de uma certa comunidade, grupos sociais, a sociedade como um todo ou o mundo natural em geral. Alguns teóricos ligam esse conceito à análise marxista de “Fetichismo da mercadoria”, em que as relações humanas começam a ser vistas como iguais nas relações econômicas e de produção, podendo ser diminuídas e quantificadas. Nos estudos sobre neoliberalismo realizados por Dardot e Laval (2016), esse conceito é presente ao estudar como as relações sociais são diminuídas à lógica mercantil e econômica, importando desses campos a forma com que as empresas se relacionam com seus produtos. Ademais, os autores destacam que essas relações podem ser extremamente alienantes, ao ponto em que todas as relações sociais são medidas pelo sujeito por uma régua única de valor, baseada na capacidade de se aproveitar dessas relações para benefício próprio e no rendimento inflexível e mensurável que podem trazer (Dardot; Laval, 2016).

A ideologia é vista como um sistema relativamente coerente de crenças que moldam as ações cotidianas, visando obscurecer o que é entendido como realidade social, suas relações de poder, crises e conflitos sociais (Celikates; Flynn, 2023). É a partir desse conceito que pode ser

explicado como sujeitos dentro de uma sociedade aceitam condições políticas e sociais que são contrárias aos seus próprios interesses ou bem-estar, e como os sujeitos sentem que são livres mesmo quando são diariamente oprimidos. Esse é um dos conceitos mais importantes nas obras de Dardot e Laval (2016), sendo utilizado em grande parte para basear suas discussões sobre os efeitos do neoliberalismo na sociedade. Porém, os autores argumentam que o neoliberalismo ultrapassa o simples status de ideologia enquanto exposto pela escola de Frankfurt, se tornando algo mais profundo, ao colocarem a existência de uma racionalidade neoliberal que se insere em todas as esferas da sociedade, alterando profundamente a relação do sujeito enquanto indivíduo para com sua própria história, sua existência e suas relações sociais.

Como último conceito relacionado à escola de Frankfurt, vemos a ideia de emancipação, parte integral na teoria crítica no passo em que tal visa não somente a compreensão do funcionamento da sociedade, mas também sua transformação radical e profunda, desfazendo os intrínsecos problemas e contradições do sistema capitalista moderno através de mudanças políticas e sociais gerais. A emancipação, nesse sentido, é entendida como uma libertação da dominação política, social e econômica, não somente num nível pessoal mas também estrutural. Nesse sentido, Dardot e Laval (2016) não colocam de forma explícita suas intenções emancipatórias, porém o conteúdo exposto pelos autores é de extrema importância para qualquer pessoa que tenha uma intenção emancipatória da lógica neoliberal. Ademais, os autores em certos momentos realizam críticas quanto ao sistema político enquanto percebidos por eles – em especial, dedicam o final de sua obra mais célebre, *A Nova Razão do Mundo*, para discutirem o estado da esquerda política e sua dificuldade de adesão por parte das classes mais baixas, questionando a capacidade de real emancipação proposta por esse grupo.

Tendo visto o exposto, podemos concluir que a teoria crítica enquanto exposta pela escola de Frankfurt é presente e influente nas análises dos autores Pierre Dardot e Christian Laval (2016), fundamentando vários conceitos e teorias colocadas por eles.



3.2 Pensamento Pós-Moderno

Essa escola de pensamento, desenvolvida principalmente a partir da década de 1960, é de difícil definição, principalmente pelo fato de que seus pensadores não tinham como objetivo estruturar um pensamento filosófico unificado, e dessa forma as ligações entre cada autor podem ser tênuas. Em termos gerais, tal abarca um conjunto visões críticas que se utilizam de certos conceitos (como diferença, repetição, simulacro e hiper-realidade) para desestabilizar outros conceitos (como identidade, progresso histórico, certeza epistêmica e univocidade de significado) visando problematizar a formação dos sujeitos e da realidade em si (Aylesworth, 2015). De especial característica temos a valorização da experiência humana subjetiva em face de uma crítica constante e profunda à existência de uma verdade objetiva, recaindo em grande parte na ideia de que a realidade é construída socialmente a partir das diversas relações que trespassam o indivíduo, algo que é desenvolvido especialmente por Deleuze em sua obra conjunta com Guattari, *O Anti-Édipo*.

Um dos principais pensadores dessa corrente é Michel Foucault, famoso no Brasil por obras como *Microfísica do Poder* e *Vigiar e Punir*, trabalhos nos quais o filósofo desenvolve suas teorias da genealogia e governamentalidade. O autor coloca a genealogia como uma forma de análise histórica que se opõe à busca por origens, estudando os acidentes e contingências que convergem em momentos cruciais e dão origem a novas épocas, conceitos e instituições, visando apagar a ideia de uma história linear e progressista. A governamentalidade pode ser vista como múltiplas ações realizadas por instituições, que podem ou não pertencer a um governo, e que buscam conduzir a conduta dos indivíduos de uma sociedade, de forma a governá-los (Dardot, Laval, 2016). Ambos os conceitos são muito importantes para as análises de Dardot e Laval (2016), com a governamentalidade neoliberal sendo dissecada em suas obras e a genealogia servindo como base para a análise feita no livro “A Nova Razão do Mundo”.

Derrida é outro autor que traz conceitos importantes para a escola pós-moderna, em especial sua teoria da desestruturação, que envolve estratégias específicas para a leitura e interpretação de textos, entendidos como qualquer expressão linguística, seja falada ou escrita. Compreendendo o texto como um espaço aberto, Derrida coloca a centralidade do contexto e

intencionalidade na interpretação de tal, trazendo assim uma significativa ruptura com a análise textual enquanto algo que deve extrair um significado intrínseco e objetivo. Essa visão, embora não necessariamente citada, é muito influente na forma com que nos relacionamos com a análise textual nas ciências sociais e humanas contemporâneas.

Trazemos também a contribuição teórica de Lyotard, que já trabalha em parte com o conhecimento científico, ao afirmar que tal se encontra estruturalmente ligado a questões governamentais e administrativas, especialmente na modernidade, estudando também a questão da fragmentação do conhecimento e dissolução de uma coerência epistemológica, que não deveriam ser vistos, segundo ele, como negativos, mas sim como uma nova forma da sociedade se relacionar com a produção de conhecimentos. Vattimo, por sua vez, traz um enfoque importante na continuidade do passado e presente, indo contra a visão de que existem momentos históricos fixos, o que nos permitiriam trabalhar e entender melhor a hermenêutica (entendida como a busca de um consenso sobre o significado de um texto), indo contra a visão de que a história é um processo unificado e coerente.

As descrições que foram dadas sobre as teorias de cada autor foram superficiais, visando ilustrar um ponto importante: apesar de nem sempre esses autores serem citados diretamente, sua influência sob o campo das ciências humanas e exatas é inegável. Trabalhos que visam a análise social ou cultural no século XXI acabam se utilizando, diretamente ou não, conscientemente ou não, das teorias desenvolvidas pela escola pós-moderna.

As teorias críticas, especialmente a Escola de Frankfurt e o pensamento pós-moderno, já têm sido aplicadas em estudos sobre Comunicação Científica. Por exemplo, o conceito de 'alienação' foi utilizado para analisar como as métricas quantitativas, como o fator H e índices de citação, afetam o bem-estar e a autonomia dos pesquisadores, contribuindo para uma cultura de produtividade exacerbada. Christian Fuchs (2016) explora essas dinâmicas em seu livro *Critical Theory of Communication*, que conecta os conceitos de alienação e reificação ao impacto do neoliberalismo na academia. No contexto latino-americano, iniciativas como a *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) são frequentemente analisadas sob uma perspectiva crítica,



destacando seu papel na democratização do conhecimento científico e na superação de barreiras impostas pelas editoras comerciais. Trabalhos como o de Abel Packer (2014), diretor da SciELO, discutem a importância de modelos de publicação científica que priorizem o acesso aberto e a inclusão regional.

Dessa forma, colocamos como as teorias críticas, especialmente a escola de Frankfurt e o pensamento pós-moderno, podem contribuir enormemente para os estudos da sociedade neoliberal.

4 NEOLIBERALISMO E COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

Partindo de uma análise crítica da sociedade neoliberal, fundamentada nas obras de Dardot e Laval, especialmente o livro de 2016 *A Nova Razão do Mundo: Ensaios Sobre a Racionalidade Neoliberal*, podemos fazer sete pontos onde essa análise pode favorecer os estudos em produção e comunicação científica, trazendo questões que são de extremo interesse para os desenvolvimentos na área. Essas questões envolvem: 1) Mercantilização da Informação Científica; 2) Financiamento da Ciência; 3) Produtividade Acadêmica, Pressão por Publicações e Cultura da Produção Científica; 4) Avaliação da Produção Científica; 5) Métricas de Impacto; 6) O Cientista Enquanto Empreendedor de Si; 7) Desigualdades Sociais na Universidade Neoliberal; 8) Práticas de Ciência Aberta e Formas Alternativas de Publicação Científica.

Como primeiros pontos, destacamos efeitos mais voltados às questões econômicas na comunicação científica que envolvem a problemática neoliberal. A mercantilização da informação científica é um fato observado especialmente a partir da década de 1980, marcado em especial pela crise dos periódicos que ocorreu nessa década, em que o preço cobrado pelas revistas científicas era tão alto, e com tantas revistas novas sendo publicadas, que muitas bibliotecas passavam por dificuldades financeiras para manter as assinaturas, tanto a nível nacional quanto internacional (Mueller, 2006).

De certa forma, vemos como essa questão econômica se mantém até os dias de hoje, com o governo federal investindo meio bilhão de reais nas assinaturas de periódicos e revistas, através do portal Periódicos CAPES (2024), sem contar nas taxas de publicação de artigos científicos. É interessante estudar a ideia de que esse fenômeno de mercantilização da informação

científica tem uma correlação muito próxima com o avanço da racionalidade e das políticas neoliberais que se intensificam a partir da década de 1980 (Andrade, 2022; Dardot; Laval, 2016;).

É instaurado uma lógica em que o lucro das empresas privadas se coloca como uma das (se não a) atividades mais importantes para o funcionamento da sociedade, sendo também amplamente justificado, mesmo que bilhões da iniciativa pública sejam investidos nesse sistema. Parte-se de um pressuposto neoliberal que se sustenta na ideia de que tudo que pode ser transformado em commodity, o deve ser feito, sem pensar na hipótese de que talvez nem tudo precise operar sobre uma lógica mercadológica e economicista.

Essa lógica, porém, não implica em unanimidade dentro do campo, sendo debatível sua veracidade no contexto da informação científica. Tendo como exemplo o movimento pelo acesso aberto, alguns pesquisadores defendem a publicação aberta da literatura científica literatura em contraste ao modelo mercantilista, tendo inúmeros benefícios tanto para a comunidade científica e acadêmica quanto para a sociedade como um todo (Costa; Leite, 2017).

Por sua vez, ao mesmo passo que a racionalidade neoliberal pede a diminuição dos investimentos públicos e a valorização do envolvimento da iniciativa privada para com todas as esferas da sociedade, vemos que a ciência numa escala mundial se mostra muito dependente de investimentos públicos para financiamento de pesquisas, inclusive no cenário brasileiro (UNIFESP, 2024). Isto se dá pelo fato de que a maioria das pesquisas desenvolvidas não trarão retorno financeiro ou lucro direto a curto prazo, o que desincentiva o envolvimento da iniciativa privada.

Tal questão se mostra preocupante no contexto atual brasileiro, em que é possível correlacionar a diminuição do investimento público em ciência a cada ano (Palhares, 2023), com a chamada terceira rodada de neoliberalização no Brasil, que toma forma a partir de 2015 (Andrade, 2022) e que tem intensificado as discussões e problemáticas na ciência brasileira na última década.

Pensamos também na questão de como os pesquisadores são medidos pelo seu trabalho, pode-se falar na existência de uma cultura de “publique ou



pereça" (Moskovkin; Serkina, 2016), em que os pesquisadores são esperados a publicar constantemente, mantendo certas expectativas para uma quantidade mínima esperada de publicações. Isto pode ser problemático para certas áreas de estudo, como as ciências humanas, sociais e da natureza, em que trabalhos robustos, complexos e completos podem demorar vários meses, senão anos, para serem concluídos, mesmo que sejam de extremo benefício para os estudos em certo campo.

Vemos aqui uma relação também com a lógica produtivista característica do capitalismo neoliberal, fazendo com que a produção científica seja intensificada drasticamente sem necessariamente implicar em um aumento na qualidade, o que causa o aumento da bibliografia científica publicada, muitas vezes inflada com artigos de baixa qualidade, dificultando o acesso do pesquisador à conteúdos científicos de qualidade (Rego, 2014).

Ademais, a própria forma de medição da qualidade de trabalhos toma contornos extremamente quantitativos, especialmente através da constante metrificação do trabalho científico como único critério de valor para análise, excluindo o conteúdo qualitativo e o impacto social tangível do trabalho. Essa fixação e idealização de métricas e indicadores bibliográficos faz com que tais sejam utilizados de forma indevida, dado que tais não foram criadas com a intenção de serem usadas como única forma de avaliação científica (Rego, 2014).

Dardot e Laval (2016) comentam sobre a aplicação de uma lógica puramente quantitativa da realidade social, ignorando análises, experiências e dimensões qualitativas que não são quantificáveis, mesmo que tais favoreçam imensamente na análise do desempenho de uma certa área ou setor da sociedade, o que pode ser visto nessa fixação por metrificar a realidade da comunicação científica na contemporaneidade.

A questão do cientista enquanto empreendedor de si é um ponto profundo e que pode ser percebido em toda a sociedade contemporânea no contexto neoliberal. Dardot e Laval (2016) trazem esse conceito ao afirmarem que a lógica competitiva e de produção capitalista neoliberal, não afeta somente as iniciativas públicas e privadas, mas também adentra a própria racionalidade do indivíduo e a forma com que ele se relaciona consigo mesmo e com os outros.

No contexto brasileiro, a figura do cientista como 'empreendedor de si' é exacerbada por fatores como a precarização do financiamento público para pesquisa, a dependência de agências de fomento com critérios cada vez mais competitivos e a pressão por produtividade acadêmica. Pesquisadores enfrentam um ambiente no qual a obtenção de bolsas e financiamentos depende de métricas quantitativas, como número de publicações e fator de impacto das revistas científicas, muitas vezes em detrimento da qualidade e da relevância social do trabalho desenvolvido (Rego, 2016).

Dentro de um contexto de trabalho, vemos isso representado em diversos comportamentos do pesquisador, que muitas vezes se vê numa competição constante com outros pesquisadores em busca de financiamento, e que nesse contexto por muitas vezes optam por realizar práticas antiéticas para benefício próprio. Algumas das formas que vemos isso manifestadas no fazer científico são pesquisadores que se aproveitam do trabalho de seus orientandos, a alteração e falsificação dados de pesquisa para favorecer uma narrativa própria, dividir uma publicação em várias menores, de forma a "inflar" sua produtividade (uma prática comumente chamada de *Salami Slicing*), entre outras práticas (Madikizela-Madiya, 2023).

Mesmo que esses problemas sempre tenham existido, é clara a possibilidade de que tais se encontram fundamentados, e muitas vezes, para aqueles que cometem essas práticas antiéticas, justificados na lógica competitiva neoliberal contemporânea, ao fornecerem uma vantagem competitiva contra os demais, mesmo que a custa da própria integridade científica.

Podemos falar também sobre como a ideologia neoliberal fundamenta desigualdades sociais, regionais e econômicas que se refletem nas universidades e no trabalho de pesquisa como um todo. É uma questão já estudada na literatura da área como os países desenvolvidos possuem uma vantagem científica maior por conta de seu posicionamento político-econômico favorável e estável, em contraste com países periféricos, que enfrentam diversas barreiras para o financiamento científico e a publicação de seus trabalhos.



Isto se encontra refletido no fato de que as maiores revistas científicas a nível mundial são sediadas em países de primeiro mundo, e, ao pagar pela assinatura e publicação de trabalhos nessas revistas, países de terceiro mundo abrem mão de recursos financeiros que vão diretamente para o capital privado desses conglomerados sediados nos países desenvolvidos (Nwagwu, 2018).

Além disso, as desigualdades regionais acentuam esses desafios: enquanto grandes centros urbanos como São Paulo e Rio de Janeiro concentram infraestrutura e recursos, pesquisadores de instituições em regiões menos favorecidas encontram dificuldades adicionais para acessar redes de colaboração, financiamento e publicação.

Esse cenário contribui para o reforço de práticas individualistas e competitivas, que frequentemente levam à exaustão acadêmica e à redução do impacto social da ciência produzida no país. Esses aspectos tornam ainda mais relevante a análise do neoliberalismo como um sistema que perpetua tais dinâmicas na ciência contemporânea.

Vemos também como o neoliberalismo fundamenta a vantagem cumulativa, que permite que pesquisadores de maior sucesso cresçam academicamente, enquanto pesquisadores iniciantes são diminuídos e menosprezados cada vez mais, além de perpetuar desigualdades sociais ao diminuir o financiamento e menosprezar a importância de pesquisas voltadas para (ou feitas por) minorias sociais, ao considerá-las como não lucrativas segundo uma lógica economicista (Ross-Hellauer et al, 2022).

Por fim, comentamos como a racionalidade neoliberal afeta até mesmo a publicação científica em acesso aberto. Diversos trabalhos discutem como as grandes editoras comerciais se utilizam do acesso aberto para aumentar suas taxas de lucro e permanecer como dominantes no status quo da publicação científica, especialmente através da cobrança de taxas altas para disponibilização de trabalhos em acesso aberto, as chamadas *Article Processing Charges (APC)* (Nwagwu, 2018).

Existem críticas quanto ao fato de que as empresas privadas podem se utilizar de conhecimento tornado público pelo acesso aberto para desenvolver mercadorias e produtos (sejam intelectuais ou não) que então

somente serão disponibilizados novamente ao público através da compra ou pagamento de taxas (Inkpen; Gauci; Gibson, 2020).

No contexto brasileiro, vemos iniciativas extremamente importantes para o acesso aberto, como a Rede Brasileira de Repositórios Digitais de Acesso Aberto (OasisBR), que promove o acesso aberto a trabalhos acadêmicos em repositórios institucionais, e o portal SciELO, que desempenha um papel crucial na democratização do conhecimento científico ao oferecer periódicos de acesso aberto. Apesar do impacto positivo dessas iniciativas na comunidade científica, seu financiamento público se encontra fragilizado em parte pela política neoliberal que tem crescido no Brasil especialmente a partir de 2015 (Andrade, 2022).

Isso porque a ciência aberta brasileira é mantida majoritariamente pelo setor público, através da infraestrutura das universidades e centros de pesquisas, com seus periódicos e repositórios, e editais de financiamentos realizados pelas diferentes agências de fomento do país, tanto a nível federal quanto estadual (Rangel de Castilhos et al., 2022). Os custos dessa atividade científica aberta chegam no seu ápice quando falamos em publicações científicas internacionais, com as taxas de APCs chegando aos milhares de dólares por publicação.

Ademais, Ross-Hellauer e outros (2022) argumentam que o avanço pelo acesso aberto é feito de forma desigual, ao passo que existem questões de “conhecimento, habilidades, recursos financeiros, vontade política, prontidão tecnológica e motivação” que variam segundo grupos demográficos, geográficos e institucionais, e que o ideal de igualdade e paridade dentro da ciência aberta não condiz com a realidade da ciência contemporânea. Pensando no cenário brasileiro, pode-se ver como os principais repositórios institucionais e revistas científicas abertas do país se concentram na região sul e sudeste brasileira, economicamente mais favorecida com base no seu histórico privilegiado.

5 CONCLUSÕES

Através do exposto aqui, espera-se ter deixado claro as possíveis contribuições teóricas da análise crítica do neoliberalismo para os estudos brasileiros em comunicação e produção científica. Os estudos críticos em



informação são presentes na área, como exposto por Bawden e Robinson (2012), sendo encontrados em grande parte nos estudos sob um paradigma social de análise da informação, e em áreas de estudos como ética, sociologia, filosofia e economia política da informação (Araújo, 2017; Pinheiro, 2018), assim como nas discussões promovidas pelo ENANCIB (2024).

Pierre Dardot e Christian Laval (2016), pesquisadores franceses que estudam a sociedade neoliberal, tanto num nível político-econômico quanto social-cultural, possuem vários trabalhos publicados em conjunto, começando na segunda metade da década de 2000 e continuando até os dias de hoje, com sua obra conjunta mais recente sendo publicada em 2020. Através do desenvolvido neste trabalho, vê-se como os autores trabalham promovem uma análise do neoliberalismo a partir da teoria crítica, entendida enquanto um conjunto de teorias que visam uma crítica e transformação da sociedade, com um viés normativo que visa explicitar os conflitos, contradições e tendências dentro da sociedade (Celikates; Flynn, 2023).

Trazemos uma aproximação entre ambos os temas, destacamos oito pontos principais em que se pode pensar os efeitos negativos do capitalismo neoliberal no processo de comunicação científica: 1) Mercantilização da Informação Científica; 2) Financiamento da Ciência; 3) Produtividade Acadêmica, Pressão por Publicações e Cultura da Produção Científica; 4) Avaliação da Produção Científica; 5) Métricas de Impacto; 6) O Cientista Enquanto Empreendedor de Si; 7) Desigualdades Sociais na Universidade Neoliberal; 8) Práticas de Ciência Aberta e Formas Alternativas de Publicação Científica.

A partir das análises desenvolvidas, é possível sugerir algumas recomendações práticas para a aplicação da teoria crítica no campo da Ci. Em primeiro lugar, é essencial que os programas de ensino e pesquisa na área incorporem perspectivas críticas, promovendo reflexões sobre as dinâmicas de poder, desigualdades e rationalidades hegemônicas e dominantes que permeiam a produção e comunicação científica. Isso pode ser feito por meio da criação de disciplinas específicas ou da inclusão desses temas em conteúdos já existentes, especialmente a nível de pós-graduação.

Além disso, iniciativas de pesquisa colaborativa entre instituições brasileiras e internacionais devem buscar formas de mitigar as desigualdades

estruturais, promovendo projetos que priorizem o acesso aberto e equitativo ao conhecimento. Essas iniciativas podem incluir a formação de redes interinstitucionais voltadas para o fortalecimento da ciência aberta, mas com foco em valores inclusivos e não mercantilistas.

Outro caminho futuro envolve a promoção de práticas éticas na publicação científica, com a adoção de métricas alternativas que valorizem o impacto social e a relevância qualitativa dos trabalhos, reduzindo a dependência excessiva de indicadores quantitativos. Por fim, a criação de políticas públicas que priorizem o financiamento sustentável da ciência e fomentem pesquisas que atendam às demandas sociais pode ser um marco para a transformação do campo. Essas políticas devem considerar as especificidades do contexto brasileiro, buscando equilibrar a competitividade acadêmica com a cooperação e a solidariedade entre os pesquisadores.

A aplicação da teoria crítica no campo da CI permite não apenas compreender as dinâmicas atuais, mas também propor caminhos concretos para a construção de um campo mais inclusivo, ético e transformador. Destaca-se, porém, que não somente a análise crítica do neoliberalismo pode contribuir para os estudos sob a informação científica, mas os estudos críticos da informação em geral, situando a informação científica enquanto produto social que existe em uma sociedade repleta de contradições, conflitos e problemáticas, com uma necessidade transformativa clara.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Daniel Pereira. Rodadas históricas de neoliberalização no Brasil. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**, São Carlos, v. 12, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/1181>. Acesso em: 23 set. 2024
- ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Uma história intelectual da ciência da informação em três tempos. **RACIn – Revista Analisando em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 5, n. 2, p. 10-29, jul./dez. 2017. Disponível em: http://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v5_n2/racin_v5_n2_artigo01.pdf. Acesso em: 19 dez. 2024
- AYLESWORTH, Gary. Postmodernism. In: STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Stanford: Stanford University, 2015. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/postmodernism/>. Acesso em: 23 set. 2024



BARRETO, Aldo de Albuquerque. Uma história da Ciência da Informação. In: TOUTAIN, Lídia Maria Batista Brandão (org.). **Para entender a Ciência da Informação**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 13-34. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ufba/145>. Acesso em: 19 dez. 2024

BAWDEN, David; ROBINSON, Lyn. **Introduction to Information Science**. London: Facet Publishing, 2012.

BORKO, Harold. Information science: What is it? **American Documentation**, [S. I.], v. 19, n. 1, jan. 1968. p. 3-5.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO [ENANCIB], 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: ENANCIB, 2003. Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 19 dez. 2024

CELIKATES, Robin; FLYNN, Jeffrey. Critical Theory (Frankfurt School). In: STANFORD ENCYCLOPEDIA OF PHILOSOPHY. Stanford: Stanford University, 2023. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/entries/critical-theory/>. Acesso em: 23 set. 2024

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR [CAPES]. Execução orçamentária da CAPES é a maior dos últimos 7 anos, **Agência Gov**, Brasília, 12 abr. 2024. Educação. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202404/execucao-orcamentaria-da-capes-e-a-maior-dos-ultimos-7-anos>. Acesso em: 23 set. 2024

COSTA, Michelli Pereira da; LEITE, Fernando César Lima. **Repositórios institucionais da América Latina e o acesso aberto**. Brasília (DF): IBICT, 2017. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/23202>. Acesso em: 19 dez. 2024.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO [ENANCIB]. **Políticas das Modalidades**. [S.I.]: ANCIB, 2024. Disponível em: <https://ancib.org/enancib/index.php/enancib/xxivenancib/schedConf/trackPolicies>. Acesso em: 23 set. 2024

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. O Campo da Informação. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 15, n. 4, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://www.pbcib.com/index.php/pbcib/article/view/56989>. Acesso em: 19 dez. 2024

FUCHS, Christian. **Critical theory of Communication: new readings of Lukács, Adorno, Marcuse, Honneth and Habermas in the Age of the Internet**. London: University of Westminster Press, 2016.

INKPEN, Rob; GAUCI, Ritienne; GIBSON, Andy. The values of open data. **The Royal Geographical Society**, [S.I.], v. 53, n. 2, 2020, p. 240-246. Disponível em: <https://rgs-ibg.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/area.12682>. Acesso em: 23 set. 2024.

MADIKIZELA-MADIYA, Nomanesi. Transforming higher education spaces through ethical research publication: a critique of the publish or perish aphorism. **Higher Education Research & Development**, [S.I.], v. 42, n. 1, 2022, p. 186-199. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/07294360.2022.2048634>. Acesso em: 23 set. 2024.

MOSKOVKIN, Vladimir; SERKINA, Olesya. Is sustainable development of scientific systems possible in the neo-liberal agenda? **Ethics in Science and Environmental Politics**, [S.I.], v. 16, n. 1, 2016, p. 1-9. Disponível em: <https://www.int-res.com/articles/esep2016/16/e016p001.pdf>. Acesso em: 23 set. 2024

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. A comunicação científica e o movimento de acesso livre ao conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília (DF), v. 35, n. 2, p. 27-38, maio 2006. DOI <https://doi.org/10.1590/S0100-19652006000200004>.

NWAGWU, Williams Ezinwa. Knowledge production ethos and Open Access publishing: Africa in focus. **Canadian Journal of Information and Library Science**, [S.I.], v. 42, n. 3-4, p. 249-277, 2018. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/743055/pdf>. Acesso em: 23 set. 2024

ODDONE, Nanci Elizabeth. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília (DF), v. 35, n. 1, p. 45-56, 2006. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1152>. Acesso em: 19 dez. 2024

OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de. **XX Colóquio Habermas e XI Colóquio de Filosofia da Informação**. [S.I.]: Colóquio Habermas, 2024. Disponível em: <https://coloquiohabermas.wordpress.com>. Acesso em: 23 set. 2024.

PACKER, Abel Laerte. The SciELO Open Access: a gold way from the South. **Canadian Journal of Higher Education**, [S.I.], v. 44, n. 1, p. 34-49, 2014. Disponível em: <https://wp.scielo.org/wp-content/uploads/PACKER-A.L.-The-SciELO-Open-Acess.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2024

PALHARES, Isabela. Orçamento do conhecimento encolheu R\$ 117 bilhões na última década no Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 10 dez. 2023. Educação. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2023/12/orcamento-do-conhecimento-encolheu-r-117-bilhoes-na-ultima-decada-no-brasil.shtml>. Acesso em: 23 set. 2024



PINHEIRO, Lena Vania Ribeiro. Mutações da Ciência da informação e reflexos nas mandalas interdisciplinares. **Informação & Sociedade**, João Pessoa, v. 28, n. 3, p. 115-134, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/43317>. Acesso em: 19 dez. 2024

RANGEL DE CASTILHOS, Carla Viganigo et al. Reflexões a respeito do financiamento das iniciativas de acesso aberto: analisando as políticas de taxas de processamento de artigos e de financiamento público em periódicos brasileiros. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 25, p. 631–642, 2022. DOI <https://doi.org/10.5216/ci.v25.70326>.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educação e Pesquisa**, [S.I.], v. 40, n. 2, p. 325–346, abr. 2014. DOI <https://doi.org/10.1590/S1517-97022014061843>.

ROSS-HELLAUER, Tony et al. Dynamics of cumulative advantage and threats to equity in open science: a scoping review. **Royal Society Open Science**, [S.I.], v. 9, n. 1, 2022. Disponível em: <https://royalsocietypublishing.org/doi/full/10.1098/rsos.211032>. Acesso em: 23 set. 2024.

STANFORD UNIVERSITY. **Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Stanford: Stanford University, 2024. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/index.html>. Acesso em: 23 set. 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO [UNIFESP]. **Financiamento da Ciência e Tecnologia e da Educação Superior Pública**. São Paulo: UNIFESP, 2024. Disponível em: <https://fcti-souciencia.unifesp.br>. Acesso em: 11 dez. 2024

CONTRIBUIÇÕES DAS AUTORIAS

Informa-se nesta seção as funções de cada autoria, de acordo com a [taxonomia CRedit](#), conforme orientado na página da revista PCI:

Função	Definição
Conceituação	Maria Elisabeth Vasconcellos Monteiro.
Curadoria de dados	—
Análise Formal	Maria Elisabeth Vasconcellos Monteiro.
Obtenção de financiamento	—
Investigação	Maria Elisabeth Vasconcellos Monteiro.
Metodologia	Maria Elisabeth Vasconcellos Monteiro.
Administração do projeto	Maria Elisabeth Vasconcellos Monteiro; Fabiano Couto Corrêa da Silva.
Recursos	—
Software	—
Supervisão	Fabiano Couto Corrêa da Silva.
Validação	—
Visualização [de dados (infográfico, fluxograma, tabela, gráfico)]	—
Escrita – primeira redação	Maria Elisabeth Vasconcellos Monteiro.
Escrita – revisão e edição	Fabiano Couto Corrêa da Silva.

